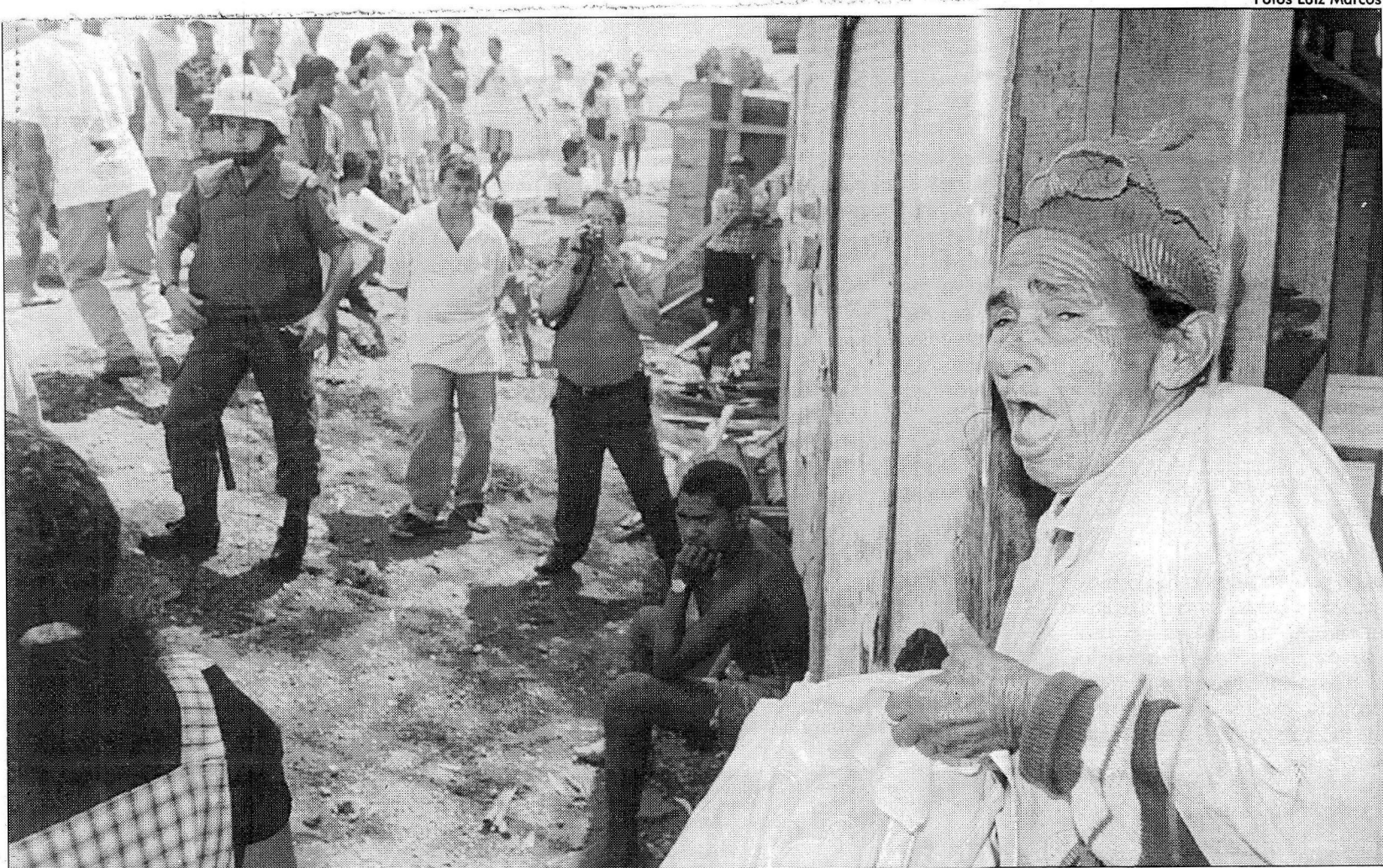




As primeiras 36 famílias da invasão foram retiradas ontem por policiais destacados pela Administração do Guará

Fim pacífico da invasão da Encol

MÁRCIA DELGADO

Nada de choro, desespero nem pancadaria. As 36 primeiras, das 250 famílias da Invasão da Encol, no Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), assistiram pacificamente à derrubada de seus barracos ontem. De manhã, o clima era absolutamente tranquilo no local. Os 160 policiais militares destacados para a operação de retirada, promovida pela Administração do Guará, não enfrentaram nenhuma resistência por parte das pessoas, que foram encaminhadas ao Centro de Desenvolvimento Social (CDS) do Guará.

Sem esboçar agressividade, algumas delas tentaram argumentar que não tinham para onde ir. De nada adiantou. Os 10 fiscais da Administração do Guará só esperaram os moradores retirarem seus objetos pessoais para levar as madeirites e telhas de amianto (material dos barracos) para o depósito da Administração do Guará. Dentro de dois meses, as outras 219 famílias, que estão cadastradas pelo governo, serão transferidas para o Recanto das Emas.

Problemas

Com isso, vai se desfazendo uma invasão que existe há 15 anos e que abriga muitos problemas. O principal deles é a rede de alta tensão que corta a favela e

que acaba facilitando as gambiarras dos moradores. Pelo menos duas pessoas já morreram por causa destas ligações clandestinas de eletricidade. "É por isso que estas famílias não podem ficar ali. A área é de alto risco e é pública", salientou o administrador do Guará, Marcos Dantas.

As 250 famílias da Invasão da Encol também convivem com a falta de infra-estrutura (esgoto e água encanada) e com a sujeira. Ontem mesmo, no momento em que os fiscais estavam derrubando os barracos, milhares de baratas saíam das madeirites. "O lixo espalhado acaba juntando ratos, baratas e mosquitos. As crianças vivem doentes", retratou a diarista Givalda de Souza Ferreira, 24

anos, que mora na invasão há cinco anos.

Givalda não estava entre as pessoas que foram retiradas ontem, mas acompanhava atentamente a operação. Os cearenses Jailson Vieira Nogueira e Raimundo Nonato da Silva não tiveram a mesma sorte da diarista. Há cinco meses, os amigos decidiram vir juntos para Brasília "para tentar a vida". Moravam na invasão e achavam que, de lá, não sairiam tão cedo.

Sem rumo

"Isto aqui existe há muito tempo. Achamos que não iam tirar a gente daqui", comentou Jailton, um frentista que ganha R\$ 300 por mês, dinheiro que manda

para mulher e dois filhos pequenos, no Ceará. Sem rumo, ele e o amigo Raimundo, que no momento está desempregado, iam procurar o CDS do Guará para decidir onde ficariam.

Segundo Marcos Dantas, todas as famílias foram encaminhadas ao CDS, que tomaria as providências necessárias. Os moradores terão como opção uma passagem de volta para o estado de origem. Podem ainda ficar, por um tempo, abrigados no CDS ou então receberem dois meses de aluguel grátis até acharem um outro local para morar. "O CDS vai estudar cada caso e tomar as devidas atitudes", garantiu Dantas.



MORADORES foram informados da remoção com antecedência, por isso, não esboçaram reação